

[FICÇÃO][FICÇÃO][FICÇÃO]

Histórias belas e cruéis das favelas

Coletânea faz apanhado irregular de contos sobre a periferia brasileira

Cenas da favela — As melhores histórias da periferia brasileira, de Nelson de Oliveira (org.). Geração Editorial, 323 páginas. R\$ 39,90

Elias Fajardo

Na década de 40, o americano John dos Passos se indagava se as favelas brasileiras seriam apenas um problema de saúde pública ou uma nova civilização, que cria suas próprias leis e cultura. Desdobrando este raciocínio, Nelson de Oliveira afirma hoje que é preciso definir a favela a partir do que ela tem e não do que ela não tem.

Alguns trabalhos excepcionais e outros panfletários

E se há algo que não falta às favelas são histórias; dezenas delas reunidas em “Cenas da favela — As melhores histórias da periferia brasileira”, narradas por 24 autores de várias gerações. Como em toda antologia, há trabalhos excepcionais, e outros nem tanto. Os de maior qualidade revelam uma enorme pungência, mostram a violência, a droga e os massacres se alternando com a beleza da paisa-

gem, a dura batalha pela sobrevivência e pela manutenção da dignidade. Os mais fracos são demagógicos, panfletários, e as denúncias que tentam fazer acabam caindo no vazio, já que muitos idealizam e falseiam a figura dos favelados.

Um dos mais expressivos é “Desabrigo”, extraído da novela do mesmo nome de Antonio Fraga, escrita em quatro dias e publicada em 1945. O autor rompe com a pontuação e a sintaxe convencionais e chega a um resultado extraordinário em matéria de humor e agilidade narrativa. A gíria é apenas um ponto de partida para a criação de uma nova linguagem, rica e instigante.

Um outro que já nasceu clássico é o conto “Feliz ano novo”, de Rubem Fonseca, publicado em 1975. A violência de bandidos que assaltam grã-finos (tão chocante quanto gratuita) é narrada de modo seco e incisivo.

Como um soco no estômago.

Carolina Maria de Jesus, ela própria uma favelada, estourou com “Quarto de despejo”, que transcende o caráter biográfico e revela uma mulher sensível, de alma lírica e solidária. Aliás, a dureza da condição feminina no morro é o tema do contundente “La Pietà”, de Cecília Prada.

Entre os autores mais jovens destaca-se Alberto Mussa, com o conto “A mulher vedada”, cuja ação se passa no início do século XX e tem o clima misterioso e ambíguo que caracteriza as melhores criações do autor. Já o mineiro Luiz Ruffato comparece com

“Ciranda”, que mostra por dentro os sentimentos e a decadência de um alcoólatra com problemas de definição sexual. Ainda entre os jovens autores é impossível não mencionar João Paulo Cuenca, cujo “Baile perfumado” é um impressionante relato de uma incursão sexual e

drogada de gente do asfalto no mundo dos bailes funk. “Balaio”, de Marçal de Aquino, também impressiona pelo clima contido e denso de faroeste urbano.

Piedade pelos pobres resvala no pieguismo

O que fica claro é que, seja o autor já falecido, como João Antonio, ou contemporâneo, como Paulo Lins — que comparece com o irônico “Destino de artista” (a história da disputa entre dois sambistas) —, seja ele um intelectual da Zona Sul do Rio ou um favelado, o importante é que sua linguagem se case ao conteúdo como a pele ao osso. O experimentalismo em si pode revelar-se estéril, assim como o excesso de piedade com relação aos pobres quase sempre transforma-se em pieguismo.

As escolhas de Nelson de Oliveira são, em geral, bem sucedidas, mas em alguns casos mostram aspectos questionáveis: por que publicar, por exemplo, seis trabalhos (que não são particularmente expressivos) de um único autor? Isto talvez tenha implicado em deixar de fora outros escritores e relatos. ■

ELIAS FAJARDO é jornalista

